



Um oceano de Histórias

Texto e fotos:
Maria Hermínia Donato

Ao entrar na Whitechapel Gallery para visitar a exposição *“Deadweight”* de Dominique White, vencedora do Prêmio de Arte Max Mara, sou transportada para um mundo de naufrágios e mitos náuticos. Quatro grandes esculturas pouco iluminadas expostas no espaço da galeria, com sombras de tons azuis, aludem ao fundo do mar.

O Prêmio de Arte Max Mara é um prêmio bienal concedido a artistas mulheres que trabalham no Reino Unido. Fundado em 2005 pela Whitechapel Gallery em parceria com a marca de moda italiana Max Mara, o prêmio apoia e promove o trabalho de artistas emergentes. A premiação inclui uma residência artística de seis meses na Itália, onde a vencedora tem a chance de explorar novas ideias, desenvolver projetos e imergir na rica cultura e história do país. Inclui acesso a recursos e suporte para expandir sua prática artística, culminando em uma exposição individual de suas novas obras na Whitechapel Gallery, em Londres, e no Collezione Maramotti, em Reggio Emilia, Itália.

O prêmio oferece a Dominique White uma plataforma significativa para a visibilidade internacional, ajudando a impulsionar sua carreira no cenário artístico contemporâneo. O título da mostra, *“Deadweight”*, vem da medida da capacidade do navio de transportar diversos itens: carga, suprimentos, água de lastro, provisões e tripulação. O deadweight (peso morto) é a diferença entre o deslocamento e a massa do navio vazio (lightweight). É a balança que estabelece se o navio flutua ou afunda.



Dominique White utiliza uma variedade de objetos e materiais carregados de história e cultura, como a corda de sisal que deixa um resíduo preto ao ser manuseada, refletindo sua pesquisa profunda em espiritualidades africanas e histórias marítimas. A artista valoriza a capacidade dos materiais de contar histórias por si mesmos. As esculturas evocam perigo e, ao mesmo tempo, uma possibilidade de existência no fundo do mar, refletindo sobre a diáspora negra, seu deslocamento e sobrevivência.



A prática da artista está enraizada na exploração do oceano e da história marítima, referenciando o conceito de Atlântico Negro – um termo cunhado por Paul Gilroy para descrever as conexões culturais e históricas formadas pelos africanos através do Oceano Atlântico. As esculturas combinam força e fragilidade, com estruturas angulares ondulantes formadas a partir do ferro manipulado, evocando âncoras, cascos de navios, carcaças e esqueletos.

Como parte do processo, as esculturas foram imersas no Mar Mediterrâneo, um gesto físico e poético explorando o efeito transformador da água em objetos materiais. O resultado exhibe ferrugem e oxidação dos



metals, e fragmentação de elementos orgânicos, como sisal, ráfia e madeira. White opta por não tratar o ferro, deixando-o em sua forma mais bruta, permitindo que ele se corra e mude conforme as condições em que é mantido. Esses materiais são cruciais para contar sua história e expressar a ideia de não ser confinado.

Segundo White, ela é fascinada pela “*potência metafórica e poder regenerativo do mar*”. Seu processo criativo imagina um futuro afro, enfatizado por uma profunda consciência histórica. Para ela, o ferro no mar Atlântico é um vestígio do Comércio Transatlântico de Escravos. Ambos os lados da família de White são da *Geração Windrush* (aqueles que chegaram ao Reino

Unido vindos de países caribenhos entre 1948 e 1973), o que faz da viagem pela água uma ideia central em seu trabalho desde os tempos de estudante.

Um filme em exibição na Whitechapel, que também pode ser visto online, apresenta a artista discutindo sua pesquisa ao longo de seis meses na Itália, no histórico porto de Gênova. Ela visitou Agone, Palermo, Milão e Todi, onde explorou arquivos, mergulhou na história naval do Mediterrâneo e trabalhou com acadêmicos como Giovanna Fiume, uma especialista em migração histórica. As duas discutiram rotas históricas e pirataria, e Fiume aparece no filme junto com outros mentores. Vemos White durante sua residência, visitando fábricas de fundição e aprendendo técnicas de metalurgia tradicionais e contemporâneas.

Penso no Mediterrâneo e nos refugiados, e me lembro da pergunta colocada pela artista: *“Quando você morre, e nem o estado onde nasceu, nem o seu lar adotivo te querem, para onde vai sua alma?”* Saio da exposição me lembrando do refrão da música cantada por Caetano e Bethânia:

*Que navio é esse que chegou agora
É o navio negreiro...*

SERVIÇO

“Deadweight” de Dominique White

Até 15 de setembro

Whitechapel Gallery

77-82 Whitechapel High Street, London, E1 7QX

<https://www.whitechapelgallery.org/exhibitions/dominique-white-deadweight/>

